

Resumos por cada Grupo de Trabalho

**GT 1: Comunidades tradicionais e religiosidades (Coordenação: Rodney William e Silvane Silva)
Sala: 230**

Autor	Título	Resumo
Fabio Guaraldo Almeida	A peculiaridade e desafios da arqueologia entre as ciências que pensam o processo histórico de formação das comunidades quilombolas no Brasil.	Esta comunicação pretende apresentar o local de destaque da arqueologia entre as disciplinas que pensam a construção da memória e territorialidade das comunidade quilombolas no Brasil. Sabe-se que uns dos desafios para pensar o reconhecimento histórico das comunidades quilombolas está na pouca documentação escrita deixada pelos seus atores. Além disso, durante o período logo após a abolição, a ideologia da tese do embranquecimento legitimou as políticas de perseguição e tentativa de apagamento da memória da população africana e afro-brasileira. No entanto, esse intento da política hegemônica do estado não logrou. A transmissão do conhecimento e história dessas comunidades centrou-se e ainda hoje prioriza a oralidade e a prática, como modo de fazer e produzir seu conhecimento. Neste cenário, a arqueologia se destaca entre as ciências que buscam a história de formação das atuais comunidades quilombolas e antigos quilombos. Ao resgatar os vestígios materiais remanescentes das atividades diárias dessas pessoas, a arqueologia pensa o processo histórico dessa população a partir de fontes produzidas pelos seus próprios atores. Desta forma, o objetivo é discutir o uso da arqueológica e seus desafios na construção do processo histórico e territorialidade das comunidades quilombolas.
Ana Paula da Silva Fernandes	Candomblé em São Paulo: Vivências de comunidades tradicionais na	Esta apresentação tem por objetivo discutir, as tensões, conflitos, negociações e as mudanças estratégicas que o candomblé paulistano vivencia para assim persistir em metrópole eurocentradas, pensando o caso

	metrópole	de São Paulo. Para tanto problematizamos comunidades terreiros, buscando evidências as estratégias empregadas pelo povo de santo experimentar o candomblé em São Paulo.
Tadeu Mourão dos Santos Lopes Zaccaria	A ética do acolhimento, a estética da agregação e o empoderamento: desdobramentos da epistemologia negra na diáspora	Não foram poucas as tentativas de investigação da presença do sujeito homossexual e transexual dentro do candomblé realizadas pela antropologia. Entretanto, em muitas delas o pesquisador pautado em uma noção de moralidade claramente fornecida por epistemologia cristã atribui à presença gay e trans dentro do candomblé a sua “falta de ética”! São muitos os trabalhos antropológicos que abordam as religiosidades do mundo, suas práticas, mitos e sistemas rituais, mas os únicos textos que cogitam a existência de um sistema religioso sem “dimensão ética” são os que se voltam ao estudo do candomblé. No entanto, tais pesquisas raramente se propõem a investigação da relação entre sistema mítico, ritual e a agregação das diferenças. De tal modo, acabam por fortalecer o imaginário etnocêntrico e racista ainda comum a uma produção de conhecimento acadêmico estruturado em epistemologia branca. Por meio dessa comunicação, pretendo abordar uma característica já estudada pelas artes visuais e relacionada à arte tradicional de diferentes grupos étnicos negros sequestrados para as Américas, mas ainda pouco relacionada ao caráter epistemológico negro-africano em outras dimensões de sua sociabilidade e cultura na diáspora: a agregação do diferente como ética-estética-empoderamento!
Silvane Aparecida da Silva	O Protagonismo das mulheres quilombolas em comunidades do Estado de São Paulo	Esta pesquisa destaca o protagonismo político das mulheres nas lutas pela manutenção dos seus modos de vida, nas comunidades quilombolas do Estado de São Paulo, por meio da conquista da titulação das terras e do acesso a direitos sociais básicos. Enfatiza-se a liderança das mulheres como protagonistas de uma nova

		narrativa na luta quilombola contemporânea, produzindo uma luta com especificidades próprias que poderíamos chamar de "feminismo" quilombola.
Douglas José Gomes Araújo	Do Etioianismo à Teologia Negra: perspectivas incidentais de religiosidades negras.	<p>Durante o período da Escravidão nas Américas, os países de colonização protestante mantinham o hábito da livre interpretação bíblica, por parte inclusive dos escravizados. Essa especificidade propiciou condições para o nascimento de um fenômeno que os historiadores do Caribe denominaram como "etioianismo". Que por sua vez, representou nada menos que a identificação dos escravizados africanos com a incipiente presença etíope no Velho Testamento do livro sagrado do cristianismo, a Bíblia. Com isso, iniciou-se uma tradição hermenêutica, a qual caracterizou-se pela constante referência à Bíblia cristã como um livro de narrativas protagonizadas no continente africano. Grupos como os Rastafaris na Jamaica e perspectivas teológicas como a Teologia Negra nos Estados Unidos fundamentaram-se basicamente no Etioianismo como argumento central de suas experiências e práticas.</p> <p>E é essa linha histórica do Etioianismo à Teologia Negra que esse trabalho pretende discutir em termos históricos. Fundamentando-se nas epistemologias da Afrocentricidade, bem como nas Epistemologias do Sul.</p>
Marco Antonio Fontes de Sá	Negra Devoção - Leitura da cosmologia Bantu escrita com a luz nas festas de N'Sra. do Rosário e de São Benedito	A devoção dos escravizados, no Brasil colônia, aos chamados santos negros, de modo especial N. Sra. do Rosário e São Benedito começou na África Central, de modo particular onde hoje estão o Congo e Angola, antes da chegada de Cabral ao que iria ser o Brasil. Diferentemente do que é frequentemente chamado de sincretismo e definido como uma simples substituição de ícones, o catolicismo que cresceu entre os que foram trazidos da África como escravos tinha uma

		<p>origem muito mais complexa e elaborada. Foi esse catolicismo especial que se desdobrou nas festas em devoção aos mesmos santos que existem até hoje em todo o Brasil. Essa pesquisa pretende, através de uma leitura de fotografias obtidas ao longo de quase 10 anos, apontar elementos dessa cultura africana original, de povos que foram chamados de Bantu, mostrando como esses elementos existem até hoje. Estudos sobre essa religiosidade, cosmologia ou espiritualidade, qualquer que seja a preferência do leitor, foram feitas pontualmente, sempre focadas em uma comunidade ou cidade. A importância desse trabalho é trazer uma comparação dessas festas em várias regiões do Brasil e mostrar a presença Bantu em todas elas.</p>
<p>José Roberto Lima Santos</p>	<p>Indumentárias de Candomblé - Arte, Mito, Moda, Rito Afro Brasileiro</p>	<p>A pesquisa destina-se a analisar as indumentárias dos orixás, que se refere à tradição Ketu dos nagôs-iorubás, trazidos para o Brasil no período colonial, havendo a ascensão deste grupo no Séc XIX, com a fundação e fortalecimento dos terreiros de nação Ketu, no espaço urbano, realizando rituais de iniciação, festas públicas – culto às divindades veneráveis – os orixás. E com isso, a criação de uma possível tradição inventada e reinventada em diálogo com o novo mundo, devido à assimilação de trajes europeus em solo brasileiro. A indumentária, como prolongamento da cultura, corporeidade e expressão da religiosidade negra e afro-brasileira, é constitutiva da experiência social e vivência religiosa. As indumentárias pressupõem analisar e refletir sobre a relação entre corpo e o sagrado, relacionando africanidades, estéticas negras na diáspora. Ao priorizarmos a dimensão estética das indumentárias litúrgicas dos orixás nagôs-iorubás, temos como pressupostos, que as mesmas, assim como os adornos e joias, excedem a função de enfeitar, cobrir, proteger o corpo, extrapolando o sentido</p>

		estético de beleza, exercendo funções de sua importância que contribuem para a compreensão da dimensão social, litúrgica, ritual e mitológica, nos terreiros de candomblé expandindo-se para além dele.
Elisabete Mitiko	Patrimonialização de territórios tradicionais - o trabalho de reconhecimento de terreiros de Candomblé e espaço de Umbanda pelo CONDEPHAAT	No início de 2019, o CONDEPHAAT/UPPH (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico/Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico), órgão responsável pela identificação e reconhecimento do patrimônio cultural do Estado de São Paulo, protegeu 6 espaços de Candomblé de Umbanda, a partir de um estudo técnico realizado no âmbito de um grupo de trabalho, que contou com a participação das lideranças destes territórios e da universidade, por meio do Departamento de Antropologia da USP. Para além de trazer informações sobre a trajetória histórica destas religiões, o estudo apresenta reflexões acerca da aplicação dos instrumentos de tombamento e registro na proteção destes territórios e busca contribuir com a discussão sobre a importância da preservação destes espaços como suportes materiais da cultura afro-brasileira em São Paulo. Assim, pretendemos apresentar informações sobre este trabalho realizado, que se compatibiliza com a pesquisa em andamento no meu mestrado, que objetiva conhecer a atuação do CONDEPHAAT no reconhecimento de patrimônio de matriz africana.

GT 2: Cultura: arte, música e teatro (Coordenação: Amailton Magno Azevedo e Fabiana Cozza)
Sala: 318

Josefa Rouse da Silva	Ifigênia: De prostituta à heroína	Este trabalho objetiva analisar a representação da mulher negra a partir das obras Sortilégio I – Mistério Negro (1951) e Sortilégio II - Mistério Negro de Zumbi Redivivo (1976/77), dramaturgia escrita e reescrita por Abdias do Nascimento no bojo do Teatro Experimental do Negro. Nos debruçaremos em especial às questões relativas às
-----------------------	-----------------------------------	---

		<p>personagens femininas (Ifigênia, as Ialorixás e o coro de mulheres). Perpassa questões do feminismo negro e suas interseccionalidades, a religiosidade transposta para o discurso teatral, a afetividade da mulher negra e o lugar de fala destas mulheres no teatro nacional. Com o intuito de pensar suas implicações no teatro moderno e contemporâneo e observar como a cena pode colaborar para lançar outro olhar sobre suas imagens, a partir das mudanças de uma obra a outra, como no percurso da personagem Ifigênia, mais contundente - ainda que dentro de um estereótipo controverso. A pesquisa desdobrou-se a partir de revisão bibliográfica, com a finalidade de apontar para certas modalidades de representação da mulher negra que se apresentam como estereótipos dominantes, a fim de repensar processos de desumanização vividos em especial por mulheres negras, e apontar caminhos emancipatórios que possam revelar suas subjetividades por meio da cena.</p>
Manuela da Silva Rocha	<p>Poder feminino: presença nas loas da Nação de Maracatu Encanto do Pina</p>	<p>Monografia produzida com o intuito de refletir questões sobre a Nação de Maracatu Encanto do Pina, manifestação cultural afro-brasileira, que é patrimônio cultural imaterial; procuramos problematizar a presença do feminino nas loas (ou toadas) buscando a compreensão das reverências às mulheres fundadoras e promotoras desta nação, representações dos orixás femininos e a ancestralidade africana. Os objetivos gerais desta pesquisa permearam apoiar e promover as lutas antirracistas no Brasil, valorizar as matrizes culturais dos nossos povos afrodiáspóricos e indígenas e, enfim, contribuir para elaboração de um material sobre o Maracatu Nação para a efetivação das leis 10639/03 e 11645/08. O estudo em questão possui um caráter bibliográfico, empírico, coleta de depoimentos orais, observação de vídeos complementares, fotografias, imagens e audição das loas. A utilização de uma bibliografia diversificada e variadas fontes, proporcionou resultados satisfatórios os quais atenderam aos objetivos da pesquisa elucidados, além de proporcionar um registro documental e histórico sobre poder feminino atuante na Nação de Maracatu Encanto do Pina expressado nas suas loas.</p>
Luciana Lima Batista	<p>O Quilombismo de Abdias Nascimento: para pensar o ensino/aprendizagem da arte no ensino médio</p>	<p>Mesmo com a promulgação da lei 10.639/03 nos espaços escolares e, especificamente, no ensino/aprendizagem de arte nas escolas públicas de nível médio, se verifica ainda uma ausência de referências artísticas afro-brasileiros. O</p>

		<p>artigo tem como objetivo traçar aproximações entre o pensamento de Abdias Nascimento acerca da cultura e do quilombismo com o contexto da arte e educação. Quais poderiam ser os contributos do pensamento de Abdias Nascimento para o ensino/aprendizagem de arte e cultura afro-brasileira no ensino médio? Inicialmente o artigo se dedicará a compreender que as culturas africanas, negras, diaspóricas podem ser pensadas como forma de constituição de uma unidade libertadora e progressista. Em sequência será tratado o tema das artes se contrapondo aos alienados padrões estéticos eurocentricos que permeiam a sociedade brasileira. Tentando responder ao questionamento inicial o artigo traz algumas contribuições do quilombismo para o ensino/aprendizagem da arte como: ter uma compreensão mais ampla sobre arte; desconstruir padrões estéticos brancos; reescrever a história da arte brasileira contendo os saberes e produções afro-brasileiras e ensinar/aprender partindo da coletividade e solidariedade quilombista.</p>
<p align="center">Beatriz Guarnieri Ferreira</p>	<p align="center">O Samba em Barão Geraldo, Campinas</p>	<p>A presente pesquisa pretende traçar um panorama para compreender a revalorização do samba que se desenvolveu desde o início do século XXI em Barão Geraldo (subdistrito de Campinas, SP), e como tal fator funciona no município como elemento de união entre grupos sociais, ou comunidades, seja como forma de integração, convívios sociais, lazer e de estresse para trabalhadores e estudantes, dado pelos grupos: Sibipiruna e Capitães D'Areia. Além de ser um fator de união o Núcleo de Samba Cupinzeiro busca resgatar as raízes rurais, afro-brasileiras e indígenas do samba tidas durante o final do século XIX e início do XX.</p> <p>Constata-se que a concentração de estudantes por conta da UNICAMP levou a um retorno recente em relação ao interesses dos jovens pelo samba em Barão Geraldo, a procura de espaços culturais de convívios mais intensos e também como lazer.</p> <p>Tais fatos somados a carência de pesquisas que lidem com este tema no subdistrito despertaram o interesse por compreender os grupos, as identidades locais, ou mesmo, descobrir nessas manifestações culturais uma maneira de preservar a cultura local. Assim como a pretensão de um conhecimento cultural, que leve em conta os indivíduos e grupos, de suas origens no passado para melhor compreender o tempo presente do samba.</p>
<p align="center">Eliane Weinfurter dos Santos</p>	<p align="center">A presença da atriz negra na cena teatral paulistana: quatro trajetórias</p>	<p>A partir de um primeiro questionamento sobre onde estavam as atrizes negras de teatro em São Paulo, desenvolveu-se esta pesquisa que buscou observar e salientar a trajetória, a partir de entrevistas e falas em</p>

		<p>diferentes momentos de suas carreiras, das atrizes Dirce Thomaz, Cleide Queiroz, Lizette Negreiros e Roberta Nunes que trabalham, vivem nesta cidade e que têm idade acima dos 40 anos. Ao longo da história do teatro brasileiro, as personagens desempenhadas por negras e negros eram as estereotipadas ou acontecia como “objeto falante” e ou como “paisagem” que compunha o cenário. Além dessas formas, havia o blackface que consistia em uma técnica utilizada por atores brancos para interpretar personagens negros. Ao se deparar com essa técnica, Abdias Nascimento teve a ideia de pensar um teatro negro feito por negras e negros. Dessa forma, surge o TEN Teatro Experimental do Negro que rompe com a tradição de se colocar artistas negros sempre em papéis subalternos ou figurativos. Desde sua criação até os dias de hoje podemos observar que muito foi alcançado no sentido de mudanças nas perspectivas, mas há, por outro lado, a insistência ainda em promover a presença negra em papéis estereotipados.</p>
<p>Jéssica gomes do Nascimento</p>	<p>AFROGRAFIAS DO TEATRO NEGRO EM SÃO PAULO: O exemplo de Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã</p>	<p>As grafias do Teatro Negro tem arquitetado motivações poéticas de um trabalho cuja inscrição na história reterritorializa e transcria culturas africanas e afro-brasileiras na cena teatral paulista. A análise destes arquivos textuais pretende compreender as demandas, os temas, o formato, a elaboração poética e estética destes materiais, bem como o diálogo com o tempo e o espaço que ocupam. A hipótese levantada é que a análise destes materiais dramaturgicos no campo da história pode fazer compreender uma estratégia de ação presente na criação dramaturgica de autoras e autores negros que reivindicam territórios nas artes cênicas, bem como na cena cultural paulista nos últimos quinze anos. A comunicação desta pesquisa em andamento pretende compartilhar, a partir da análise de Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã, as informações encontradas neste início de pesquisa sobre as dramaturgias do Teatro Negro paulista, bem como apresentar os caminhos imaginados para sua continuidade.</p>
<p>Emerson Porto Ferreira</p>	<p>Um canto de igualdade axé! Um desfile da Mocidade Alegre na afirmação da negritude.</p>	<p>A seguinte proposta de apresentação objetiva evidenciar aspectos de valorização da cultura negra dentro da escola de samba Mocidade Alegre, tendo como ponto de observação o desfile de 2012 sobre a obra Tenda dos Milagres, de Jorge Amado. A apresentação é um recorte da pesquisa de doutorado em História, em que se observam mudanças e permanências identitárias a partir de sambas-enredo. Para fugir de uma homenagem fax símile aos 100 anos de Jorge Amado, a escola optou por abordar o livro Tenda dos</p>

		<p>Milagres. Na defesa do enredo se evidenciava que o principal objetivo do desfile era de aflorar o orgulho e a plenitude de ser descendente da cultura afro-brasileira no Brasil. Assim, em tom de confronto e de luta, a escola representou aspectos históricos da condição do negro no Brasil, em especial, na cidade de Salvador. O desfile desde seu princípio mostrava o cerne do enredo e do livro: a busca de justiça racial pelos olhos de Ojuobá, os olhos de Xangô. Desta forma o desfile por meio de elementos dramáticos, visuais e musicais compõe um quadro de visualidade da cultura afro-brasileira e se tornam um verdadeiro manifesto a Jorge Amado, a negritude brasileira e a identidade da Mocidade Alegre, que se reencontram em um desfile que se torna um grito de liberdade e axé ao povo preto.</p>
<p>Luciana de Oliveira Miranda da Cruz</p>	<p>As novas vozes negras brasileiras: canto, performance e inserção sociocultural</p>	<p>Como mulher negra e cantora, reflexões relacionadas a gênero e raça sempre me despertaram interesse, e o desejo de compreender essas questões me levaram ao mestrado em Fonoaudiologia. Ao acompanhar a trajetória de diversas cantoras negras, observei um forte movimento nos últimos anos que tem ressignificado o lugar da mulher negra na cena musical. São cantoras-intérpretes e/ou compositoras que por meio de letras, melodias, novas estéticas e performance vem construindo suas trajetórias nos diferentes gêneros da música popular brasileira, como pop, rap, funk e soul. O objetivo da pesquisa de mestrado é analisar a trajetória de cantoras negras brasileiras, que compõe a nova cena da música, na perspectiva de suas características vocais, performáticas, estéticas e sua inserção sociocultural. Como método para análise serão realizadas entrevistas com cinco cantoras negras da cena atual: Xênia França, Luedji Luna, Iza, Ludmilla e Preta Rara, com trabalhos lançados nos últimos cinco anos, e que tem se posicionado enquanto mulher negra. Serão também analisados vídeos de performances ao vivo. O estudo pretende compreender como e de que forma essas cantoras afetam e foram afetadas nas suas vozes, na performance e nas mudanças socioculturais do cenário musical atual.</p>
<p>Taís Santana Gonçalves</p>	<p>PRETO TIPO A: Um manual para mais de 50 mil mãos Construção das masculinidades heterossexuais negras no Rap brasileiro a partir da década de 90 e seus impactos nas relações de gênero</p>	<p>Trazer à tona masculinidades negras inseridas no contexto brasileiro sob a percepção do Rap me levou a algumas indagações. Uma delas, foi a notável necessidade de compreender a vivência do homem negro enquanto objeto de estudo e não somente a partir da trilha sonora que narra o seu dia-a-dia que se materializou, para mim, com um novo olhar.</p>

		<p>A discussão acerca das masculinidades negras e suas construções se configurou como um tipo de exercício de “limpar” diariamente os resquícios de uma existência social completamente fragilizada pelo sexismo e principalmente, pelo racismo. Fragilidade essa que se deu devido ao processo de objetificação e do aleijamento da dita autonomia do homem negro que consequentemente deixou marcas imensas em suas subjetividades e, todavia, no modo como estes homens se relacionam com o mundo. Eis que surge uma emergência em pensar e discutir masculinidades negras a partir de um ponto onde perde-se o controle entre o que se deseja ser e o que se mostra efetivamente ao longo do tempo. Importa dizer e dar dimensão no quão nocivos são o sexismo e o racismo oriundos à sociedade capitalista brasileira, uma vez que estes fecham muitas – senão todas – as portas, porém acaba abrindo outros caminhos.</p>
Marília Romão Silva	Reggae da Baixada: Negro no Poder	<p>Esta pesquisa teve como objetivo analisar a emergência do reggae na Baixada Fluminense nos anos 90; bem como pensar as representações elaboradas sobre o negro, a favela, o Rio de Janeiro, a África, a polícia e o racismo. Buscou-se ancoragem nos estudos pós-coloniais e nas perspectivas historiográficas da história cultural e social como fundamentação teórica para compreender os ineditismos estéticos e políticos do reggae fluminense da banda Cidade Negra.</p>
Tadeu Augusto Matheus	A contribuição negro-africana na formação econômica, social e cultural do Brasil.	<p>Trabalho de pesquisa empírica que ressalta as importantes contribuições dos povos da diáspora africana para a formação das principais culturas populares do Brasil que servem como alicerce para a organização do samba como elemento fundamentos para compreender a nossa identidade cultural.</p>
Marina Oliveira Barbosa	Negrafias no centro de São Paulo: A presença e a representação do negro na arte urbana	<p>O Brasil é um país multirracial e pluriétnico no qual mais da metade da população auto declara-se negra e parda. Contudo, esta maioria não é visível, por exemplo, nos meios de comunicação – propagandas, nos programas televisivos e jornalísticos – e nem tampouco possui expressividade, de forma minimamente equânime, em outros setores culturais – no cinema, no teatro – e sociais, sobretudo em profissões de</p>

		<p>grande visibilidade como na política, no judiciário, legislativo, executivo etc. Um dos primeiros elementos de autoafirmação da negritude passa pela revalorização e pelo reconhecimento de sua própria imagem, tanto individual como coletiva. O graffiti tem sido um meio de expressão e uma forma de afirmar esta imagem na cidade de São Paulo, na medida que os grafiteiros incorporam ao seu repertório temáticas raciais e étnicas negras para evidenciar sua visibilidade/invisibilidade social, construir e valorizar sua identidade cultural negra. O presente trabalho mapeia e analisa a presença de imagens de negros e negras presente nos graffitis – nas negrafias – encontrados em percursos específicos pela cidade de São Paulo, atentando-se para uma possível reconfiguração e apropriação do espaço assim como a democratização do mesmo.</p>
Célia Regina Reis da Silva	Crespos insurgentes: estéticas, memória e corporeidade negra paulistana	<p>Apresentamos um texto acerca de, cabelo crespo, penteados afros, entendido enquanto território de insurgências em estéticas de reexistência na decolonialidade de corpos, seres e saberes invisibilizados por padrão cultural hegemônico eurocêntrico. Trata-se de parte de uma pesquisa realizada no doutorado, na PUC/SP (2016), desenvolvida em periferias paulistanas, onde atentamos aos movimentos de coletivos culturais, nos quais jovens afro-brasileiros manifestam-se através de narrativas literárias e performáticas negras e periféricas, produzindo saraus, músicas, teatro, em especial penteados crespos em relações interculturais, intertextuais e midiáticos expressando sua negritude, na perspectiva de uma “semiologia corpórea”. Trata-se de práticas culturais identitárias atuais em diálogo profícuo com o passado, em luta contínua afro-diaspórica pela cultura e (auto) representação nas relações raciais na contemporaneidade.</p>
RODRIGO SEVERO DOS SANTOS	CORPO EMBRANQUECIDO: A PERFORMANCE NEGRA COMO LUGAR DE VISIBILIDADE DOS CORPOS INSURGENTES	<p>Este trabalho tem por objetivo apresentar ações performativas de artistas afrodiaspóricos que abordam em suas obras gestos críticos sobre a política do branqueamento. Tal política se torna presente no Brasil após Abolição da escravatura e foi entendida como projeto de nação defendida pelas elites brancas em meados do século XIX, e começo do século XX, que pretendia atingir uma higienização moral e cultural da sociedade brasileira por meio do clareamento da população. Dentre as performances elencadas neste estudo, encontram-se três ações que refletem sobre o branqueamento: Antonio Obá (Atos da Transfiguração: Desaparição ou Receita para Fazer um Santo, 2015), Musa Michelle Mattiuzzi (Merci Beaucoup, Blanco! 2015), Renato Felinto (White Face and Blonde</p>

		<p>Hair, 2012). Para análise das performances, parto de entrevistas e de depoimentos dos (as) artistas como também dos estudos sobre branqueamento e branquitude no Brasil (BENTO, 2002; CARDOSO, 2014; SCHUCMAN, 2012). Assim, estas performances abordam aspectos sociais, políticos e históricos acerca do embranquecimento, e nos fazem refletir sobre como o legado desse sistema de pensamento hegemônico, escravocrata, ocidental, cristão, racista, heterossexual, branco, patriarcal eurocêntrico ainda se faz vigente na sociedade brasileira.</p>
--	--	--

GT 3: Feminismo negro(Coordenação: Juliana Borges)
Sala: 500 B

<p>Édina dos Santos Rosa</p>	<p>Mulheres Negras: experiências, voz, visibilidade</p>	<p>A mulher negra tem experiências diferentes, sua voz é baixa, sua visibilidade é pequena , a desigualdade é visível... Até quando? A partir da leitura do livro "Quem tem medo do feminismo negro de Djamila Ribeiro, fortaleceu a Roda de Conversa , com alunas do Curso de Pedagogia. Um espaço aberto, para fala, escuta, reflexão e estudos. Um espaço para sair do silêncio e ter forças para falar sobre discriminação racial na infância. Segundo Djamila Ribeiro existe uma "Máscara do Silêncio", que esconde a menina do cabelo bombril, a neguinha do samba, a empregada doméstica forte e trabalhadeira. Um momento para citar outros estudos importantes, como : Sueli Carneiro " Não ter medo de colocar o dedo na ferida quando necessário", pois é preciso recontar a História do Brasil , Colônia, dos Negros Escravizados, do Brasil contemporâneo, com alto índice de mortes dos jovens negro; Kabengele Munanga " o racismo é um crime perfeito no Brasil, porque quem comete acha que a culpa esta na própria vítima, além do mais destrói a consciência dos cidadãos brasileiros sobre a questão racial. E necessário dar voz as experiencias e vivências das Mulheres Negras , para garantir a Visibilidade da sua História!!!</p>
<p>patricia oliveira da silva</p>	<p>Capoeira Angola: Lugar de redefinição do corpo da Mulher Negra na Diáspora.</p>	<p>A capoeira por muito tempo foi proibida no Brasil é só depois nos anos 30 que tem permitida sua prática e atualmente é considerada pela UNESCO Patrimônio Histórico Imaterial da</p>

		<p>Humanidade. Este trabalho tem o objetivo de investigar como a capoeira angola, prática genuinamente brasileira de herança africana, se constitui um espaço de emancipação e de reconstrução das corporeidades femininas propondo a mulher negra uma outra representação que não seja a sexualizada e racializada. No entanto, não pretendemos aqui entender o espaço da capoeira angola como o único onde a mulher negra se redefine nem tampouco como um espaço livre dos machismos, racismos e sexismos que permeiam a cultura brasileira. Esse espaço se constitui também reflexo de posturas que estão presentes no cotidiano da sociedade. Ao longo deste trabalho buscaremos entender como historicamente a capoeira angola se construiu no Brasil, como e quando as mulheres negras fizeram parte desse processo, bem como rememorar a memória de capoeiristas negras. Por fim, buscaremos compreender como as mulheres negras angoleiras reconstruem a si mesmas, individual e coletivamente e como o espaço da capoeira angola, fortalece a identidade negra na diáspora, trazendo questões que neste universo, atravessam estes corpos.</p>
<p>Rosana Oliveira Rocha</p>	<p>"Do Liso ao Crespo: do Silenciamento ao Protagonismo"</p>	<p>Os direitos humanos são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Dentro desse direitos, dois itens são importantes para o protagonismo de mulheres negras, sendo eles a igualdade racial e de gênero. Não obstante a legislação vigente, é comum encontrarmos desrespeitos aos direitos fundamentais humanos, atribuindo a essas mulheres negras um lugar de silenciamento. Nesse sentido, uma educação em direitos humanos que dê espaço e voz ao feminismo negro é essencial. Assim é A Corrente do Amor®, uma educação em direitos humanos, iniciada em 2014 que contabiliza mais de mil participantes e setecentas ações realizadas para defender e promover direitos humanos. Dentro dessas ações, há destaque para o protagonismo da mulher negra, ao assumir seus cabelos crespos, sua identidade. Diversas participantes, inclusive a fundadora do projeto, passaram pela transição do</p>

		liso ao crespo, e tal processo possibilitou que negras silenciadas passassem ao papel de protagonistas, tanto de suas histórias, quanto de ações sociais que combatem o racismo e o machismo. Nesse sentido, as experiências demonstram o quanto o feminismo negro pode contribuir para a construção de uma sociedade mais livre, igualitária e solidária.
Marly spacachieri	GENTES DOS JARDINS E GENTES DOS QUINTAIS - ZAMBÉZIA NO SÉCULO XIX	A partir da instituição dos prazos da Coroa em Moçambique colonial a formação das famílias dos mozungos, suas donas e seus achikunda.
Carolina Dutra Pereira	Da mulata a preta retinta: A relação do colorismo com a sexualização dos corpos das mulheres negras	O trabalho visa discutir de que forma a sexualização dos corpos das mulheres negras que se iniciou no período escravagista brasileiro construiu e corroborou com a criação da identidade desses corpos. O trabalho visa discutir a transformação do corpo de mulheres negras em objeto, não somente no intuito da exploração do trabalho braçal, mas na construção de um imaginário, um corpo feito para servir. Desta forma, o corpo negro, era também reconhecido como um objeto sexual, pronto para atender as necessidades e fantasias dos senhores escravocratas. A construção deste imaginário se mistura com a formação da sociedade brasileira. Os motivos que levaram a escravização dos negros, são os que fundamentam a visão que permanece em nossa sociedade, o corpo da mulher negra é o corpo sensual, o corpo disposto, entregue, que pode ser visto, explorado e violentado.

GT 4: O lugar da PUC na produção acadêmica sobre relações raciais (Coordenação: Antonieta Antonacci)

Sala : 502

Jayne Ornelas Pereira	O Racismo Epistemológico na Psicologia	O modo como o conhecimento é produzido e difundido no Ocidente, embora tenha uma pretensão de universalidade, adota bases e vieses que correspondem a uma visão de mundo e compreensão de ciência, geralmente, europeia, branca e elitizada (GROSFOGUEL, 2016). A violência do fenômeno do racismo possui desdobramentos nas mais variadas esferas da sociedade, bem como na produção e prática das ciências. A psicologia, campo teórico e profissional, não se isenta das implicações e recortes sociais existentes. Assim, faz-se necessário tensionar a concepção de conhecimento neutro, imparcial e universal, uma vez que a produção de conhecimento concerne ao exercício de poder (ALMEIDA, 2019). A presente apresentação se propõe a expor o
-----------------------	--	---

		<p>caminhamento e fundamentação teórica da pesquisa de iniciação científica “O Racismo Epistemológico na Psicologia” cujo objetivo é entender o modo como a epistemologia e produção de conhecimento da psicologia pode ser produtora e/ou reprodutora de racismo. Fim da conversa no bate-papo Digite uma mensagem...</p>
Eduardo Bonine	Entre marés: o espaço das religiões de matriz africana na Ciência da Religião	<p>Partindo do pressuposto Foucaultiano de que cada época tem uma episteme, este trabalho observa o espaço dedicado ao pensamento decolonial na Ciência da Religião, ao analisar o lugar do candomblé na disciplina sob três aspectos de problematização: primeiro, enquanto religião de possível interesse (ou desinteresse) dentre os cientistas que se propõem a estudar religião. Segundo, já avançado o primeiro questionamento e assumindo um interesse, como enxergar, entender e estudar a religião como aspecto social, sem carregar a análise com fundamentos teológicos (com os preconceitos coloniais). E por fim, terceiro, entendendo o candomblé como um fenômeno religioso fruto de fluxo migratório de africanos escravizados em um processo de séculos, daí, ser a religião carregada de oralidade, deixando o pesquisador diante de inúmeras histórias sobre a religião negligenciada pelo Estado até 1988 e pelo interesse disciplinar.</p>
Victor Martins de Souza	Kurukanfuga: a percepção Africana dos direitos humanos	<p>Estudo sobre a Carta Mandinga ou Pacto de Kurukanfuga, documento histórico oral africano, datado do século XIII. Trata-se de aproximação com uma perspectiva africana daquilo que se convencionou chamar de direitos humanos ou direitos dos povos. O Pacto de Kurukanfuga foi a constituição do Império do Mali, fundado em 1235, pelo maghan (imperador) Sundjata Keita e pela Assembleia (Gbara) da comunidade manden. Em um momento de mudanças sociais e políticas, os caçadores manden (simbon), no século XI, engendraram um juramento para assegurar o bem-estar da sua comunidade. Dois séculos depois, o juramento, transmitido oralmente inspirou a Carta Mandinga. Esse documento oral foi inscrito, em 2009, na Lista Representativa de Patrimônio Intangível da Humanidade, da Unesco.</p>

GT 5: Literatura: Machado de Assis em questão (Coordenação: Oswaldo de Camargo)
Sala: 504

Yvone Dias Avelino	A Negritude Feminina na Literatura Brasileira	<p>Carolina Maria de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes escritoras do País pela importância cultural e social da sua obra. De uma simples catadora de papéis, de empregada doméstica com a vontade de escrever e a garra de uma mulher pobre, em 1958, teve o seu diário publicado com o nome Quarto de despejo. Ajudada por um jornalista. O livro fez um enorme sucesso e foi traduzido para 14 línguas. Além de literata na prosa também o é</p>
--------------------	---	---

		na poesia. Sua obra é objeto de estudos acadêmicos no Brasil e no exterior.
Rita de Cássia Camargo dos Santos	As representações do bem e do mal na obra Os Nove Pentes d'África de Cidinha da Silva	<p>O preconceito refere-se a um conceito preestabelecido sobre uma outra pessoa ou grupo. Tais ideias são chamadas de estereótipos. Para Jones (1973, p.3), “o preconceito racial é uma atitude negativa, com relação a um grupo ou pessoa, baseando-se num processo de comparação social em que o grupo ou indivíduo é considerado como ponto positivo de referência”. Neste trabalho apontamos as ações racializadas atreladas a valores ideológicos compartilhados pela sociedade como manifestação do mal. O sistema educacional, por meio de livros didáticos, difundem tais ideologias do preconceito de origem étnica. Assim também como os professores que dele participam, sendo ou não racistas. A literatura infantil é tida como uma área propensa a criar e disseminar estereótipos e padrões, e também reproduzir valores que atuam na construção ideológica.</p> <p>A autora Cidinha da Silva, em Os Nove Pentes d'África nos apresenta em sua narrativa caminhos que problematiza temas como racismo, morte e educação. A obra narra a história de vô Francisco, um homem apaixonado pela família e pela arte de traduzir na madeira seus sentimentos através de símbolos.</p>
Rafael Balseiro Zin	Maria Firmina dos Reis e os 160 anos da publicação do romance “Úrsula”: uma história das edições	<p>A escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917) é considerada a primeira mulher, e mulher negra, a publicar um romance no Brasil. Embora tenha obtido certo reconhecimento em vida, fato é que, após seu falecimento, seu nome ficou esquecido por quase um século. No entanto, em decorrência das comemorações alusivas ao centenário de morte da autora, ocorridas em várias capitais do Brasil durante o ano de 2017, o romance “Úrsula”, sua obra de estreia, despertou forte interesse do mercado editorial brasileiro, contando, atualmente, com mais de treze novas reedições disponibilizadas ao público em um curto período, de aproximadamente um ano. Levando em consideração esse cenário, e sabendo que o ano de 2019 marca os 160 anos de publicação do primeiro romance de autoria negra e feminina do Brasil, o presente trabalho tem por intuito apresentar aos ouvintes uma história das edições, ao mesmo tempo em que evidenciará os principais aspectos que compõem o pensamento político da escritora.</p>
Thiago Wesley Custódio Silva	História e Literatura: as representações das relações de poder acerca do colonialismo	<p>O trabalho elenca duas narrativas ficcionais moçambicanas do gênero romance histórico como fontes históricas – Ualalapi e As mulheres do imperador que compõem uma única obra, do escritor Ungulani Ba Ka Khosa, publicadas respectivamente em 1987 e 2018 e As areias do imperador, uma trilogia de Mia Couto, publicada entre os anos de 2016 e 2018. As duas narrativas se estruturam sobre uma mesma matriz histórica: o fim do Império</p>

	português, das identidades e do imaginário nacional nas narrativas moçambicanas	de Gaza sob o comando do imperador Ngungunhane, em Moçambique, após a invasão portuguesa no final do século XIX. O objetivo do trabalho é investigar as representações das relações de poder nos discursos internos das narrativas na esteira do entrecruzamento de ordens dimensionais, como, o tradicional e o moderno, o rural e o urbano e o coletivo e subjetivo, focalizando no colonialismo português, nas identidades e no imaginário moçambicano.
Renata Ribeiro Francisco	A sociabilidade de "homens livres de cor" na maçonaria no final do século XIX	Na segunda metade do século XIX, a maçonaria consolidou-se como um importante espaço de sociabilidade. Pertencer à maçonaria era uma alternativa interessante para os indivíduos que tinham dificuldades de se inserirem socialmente em uma comunidade local, onde prevalecia a rigidez e as hierarquias, que, em grande medida, produzia relações de dependência física, moral e material. A maçonaria, organização iniciática, de ajuda mútua, apropriava-se de alguns preceitos do iluminismo, como a igualdade e a fraternidade, então interpretadas pelos indivíduos como um caminho que pudesse afiançar algum benefício entre aqueles que dela fizessem parte. Na obediência chefiada por Saldanha Marinho parecia não haver distinção entre os Irmãos "brancos" e os de "cor", uma vez que o grão-mestre, também "homem de cor", havia autorizado a iniciação de libertos em sua ordem a partir de 1876. O grão-mestre estava atento ao debate sobre racismo discutido nas demais ordens maçônicas. A decisão de Saldanha Marinho de apoiar as lojas norte-americanas formadas por homens negros evidenciava que o "preconceito de cor" era um assunto que incomodava o grão-mestre da ordem dos beneditinos.

GT 6: Velhos temas, novos enfrentamentos (Coordenação: Fábio Mariano e Vanessa Oliveira)
Sala: 310

Maria Clara Araújo dos Passos	O currículo à luz da decolonialidade: presenças afirmativas indagando a educação	Esta comunicação busca contribuir para as teorias curriculares, a fim de refletir sobre currículos decoloniais construídos pelas insurgências que emergem do desafio contínuo ao domínio moderno/colonial. A partir do conceito de "Outras/os", em diálogo com autoras/es que constituem uma crítica à produção de um saber hegemônico (ARROYO, 2014; KILOMBA, 2019; hooks, 2019), reivindica-se um currículo à luz da teoria decolonial como possibilidade de reexistência. As presenças afirmativas daquelas/es construídos como "Outras/os", ao adentrarem as arenas do saber, lançam indagações: quais são as potencialidades em torno de currículos decoloniais orientados por outras cosmovisões? E quais deslocamentos emergem destas novas
-------------------------------	--	--

		dinâmicas a serem incorporadas pelas epistemologias da educação?
Stella Martins Uchoa	AS NECESSIDADES QUE AS EMPRESAS TÊM DE INCLUIR NEGROS EM SEU QUADRO DE FUNCIONÁRIOS E COMO ELAS PODEM FAZÊ-LO DE MODO EFETIVO	<p>A população negra ainda enfrenta grande dificuldade para se inserir no mercado de trabalho. A marginalização dos ex-escravos após a suposta abolição da escravidão e a construção do mito da democracia racial são provas do enraizamento do racismo na cultura brasileira. Além disso, os estudos científicos do século XIX tornou o racismo aberto, velado e legitimado.</p> <p>Esse racismo institucional é refletido nas empresas e é percebido pela falta de representatividade de negros e negras no mercado de trabalho. Tal fato é explicado pelo pacto narcísico da branquitude, e pela construção do branco como um ser, e a do negro como o um não ser. Visando à superação dessa diferença, as empresas passaram a adotar ações afirmativas, afim de gerar uma reparação histórica do longo processo de escravidão. Entretanto, o que é visto não passa de uma falsa ideologia de igualdade sendo vendida por essas empresas que querem se aproximar de seus consumidores, principalmente se eles forem jovens socialmente engajados.</p> <p>A iniciação científica realizada de julho de 2018 a julho de 2019 objetivou visibilizar as razões da ausência da população negra no universo empresarial, as necessidades de se inserir essas pessoas, e propor estratégias para que as organizações as insiram de modo efetivo.</p>
Gleuson Pinheiro Silva	A presença do Príncipe Negro na Vila Prudente	<p>Quando pesquisamos a história da Vila Prudente é comum encontrar referenciais a sua origem industrial e a ocupação por imigrantes de origem europeia, não havendo menção à presença da população negra. Procuramos revelar a presença negra no bairro através das memórias de componentes e ex-componentes da Escola de Samba Príncipe Negro, fundada na Vila Prudente em 1968, e que migrou para a Cidade Tiradentes durante as décadas de 1980 e 1990. Consideramos, que é possível estabelecer uma relação entre o processo de ocultação e apagamento dessa presença e as dificuldades da agremiação de fixar-se no bairro.</p> <p>Foram entrevistadas pessoas residentes no bairro e também, algumas que mudaram para a Cidade Tiradentes. Essas entrevistas, permitiram a realização de um mapeamento preliminar das regiões da Vila Prudente habitadas por esses membros da Príncipe Negro. Além disso, foi realizada uma busca em periódicos visando levantar o endereço de algumas quadras de ensaios que a agremiação possuiu.</p> <p>A partir da análise dos depoimentos e do mapeamento da presença negra na Vila Prudente, é possível questionar a bibliografia e as narrativas que têm reproduzido a invisibilização e ocultação dos negros na história do bairro, sendo que isto é recorrente na historiografia que trata da cidade de São Paulo.</p>
Fabio Guaraldo	Marcas nos caminhos de fuga:	O objetivo deste comunicação é apresentar formas de interpretar vestígios arqueológicos, para pensar os processos históricos de

Almeida	(res)significando lugares, territórios e patrimônios.	resistência e luta abolicionista em São Paulo, no último quarto do século XIX. Para isso, a materialidade presente na casa sede do sítio da Ressaca, localizado no bairro do Jabaquara, serão analisada e rediscutida à luz de teorias pós-coloniais. Esta edificação compõe a lista das Casa Bandeirista, expressão lavrada por Luís Saia na época das comemorações do IV Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo, na tentativa de consolidar uma visão grandiosa da formação do povo paulista. Esta apropriação da figura do bandeirante como modelo da identidade paulista ocorre desde o final do século XVIII e, ainda hoje, contribui para o apagamento da memória e formas de representação de outros coletivos (como os africanos e afrodescendentes). Assim, a partir de uma revisão analítica de dados histórica, localização geográfica do sítio da Ressaca e vestígios presentes na estrutura original da casa sede deste sítio arqueológico, pretende-se levantar argumentos para discutir posições há muito consolidadas sobre a identidade e representação do patrimônio cultural paulistano.
Karina Quintanilha Ferreira	Performando resistência contra a expulsão do Brasil: Campanha #NduduzoTemVoz	Esse artigo tem como foco as motivações e desdobramentos nos campos jurídico, político, social e cultural da campanha #NduduzoTemVoz, protagonizada pela imigrante sul-africana Nduduzo Godensia Dlamini como resistência a um decreto de expulsão publicado em seu nome pelo Ministério da Justiça brasileiro. Nduduzo descobriu-se cantora no Brasil enquanto cumpria pena em um processo que foi acusada como “mula” do tráfico transnacional de drogas, em consequência do que pretendemos analisar como um “tsunami encarcerador”, cuja “embalagem é a Guerra às Drogas”. Agora em liberdade, no contexto pós-nova lei de migração (Lei 13.445/17), a artista sul-africana protagoniza uma luta coletiva contra a sua expulsão e pela sua liberdade de permanecer, trabalhar e desenvolver a sua arte no Brasil.
Maria Elizabeth Cosmo Melo	Adolfo Caminha e “O Bom Crioulo”, a obra literária do Padeiro que ousou no fermento Natural.	O poeta Naturalista Adolfo Caminha foi um dos integrantes do grêmio-artístico literário cearense “Padaria Espiritual” (1892-1898), autor de "O Bom Crioulo" (1895), livro que esteve perdido entre os “malditos” da literatura por trazer à tona assuntos que ainda no século XXI, são tabus sociais e se mantendo rejeitados principalmente dentro das carreiras de farda, a questão do homossexualismo. Em O Bom Crioulo, Caminha aborda um romance homoerótico dentro da marinha, tendo como protagonista um negro, esta obra é considerada hoje por alguns críticos como a primeira literatura homoafetiva do ocidente, tratando o assunto realmente a fundo. Com temperamento provocativo e ácido, o autor assumia seus sabores respondendo seus críticos da mesma forma que era criticado, assim seus livros ficaram esquecidos por décadas, e só voltariam a ser reeditados por volta de 1970. Autor Naturalista considerado por muitos um dos grandes nomes dessa corrente literária no Brasil, o escritor procurou descrever as

		coisas tal como elas eram, vezes bonitas e vezes duras e cruéis. E como ele mesmo dizia: “O naturalismo é a própria vida interpretada pela arte”.
Beatriz Santana Ferreira	MULHERES NEGRAS E RELAÇÕES DE TRABALHO : ENFRENTAMENTOS E NARRATIVAS DE EMANCIPAÇÃO	A presente investigação visa refletir acerca dos múltiplos significados de emancipação inerentes às trajetórias de mulheres negras. Para tanto, serão articulados aqui referenciais bibliográficos de autoras (es) negras (os) que produziram novas epistemologias ao problematizarem as lógicas de pensamento europeu ocidental cristão, por onde foram engendradas formas de se conceber a realidade a partir de bases racistas, patriarcais, sexistas e heteronormativas. Ao analisar discursos e trajetórias ancoradas em experiências distintas extraocidentais, espera-se que as reflexões acerca dos modos pelos quais se dão os processos de emancipação de populações negras e seus desdobramentos nos espaços de trabalho, possam contribuir com os estudos que se propõem a examinar as contradições do sistema capitalista bem como o conjunto de formas sociais de resistência que se configuram no campo da cultura. Acessar tais protagonismos femininos vem ainda a corroborar com estudos que particularizem as experiências da classe trabalhadora brasileira, tendo como prisma e ponto de partida a seguinte indagação: Como almejamos nossas emancipações?
Oswaldo José da Silva	O Racismo Contra o Negro	Este artigo tem como objetivo contribuir para a reflexão acerca do racismo contra a comunidade do povo negro no Brasil. O grupo étnico representado pelo negro é o protagonista e pilar na formação da sociedade brasileira. O artigo irá demonstrar que, em decorrência do Racismo Contra o Negro, este protagonismo não é reconhecido. Tem como referência o primeiro capítulo da obra A Condição Humana, que possui o mesmo título: A Condição Humana, obra da pensadora política alemã Hannah Arendt (1906–1975). Com essa referência, o trabalho traça um paralelo com as provocações sobre o protagonismo dos negros na formação social, política e econômica do Brasil lançadas pelo pensador político brasileiro, Manuel Querino (1851–1923), e corroboradas por autores pensadores da negritude.

GT 7 : Lei 10639, cotas e ações afirmativas (Coordenação: Wilson Mattos e Waldete Tristão)
Sala: 508

Djalma Nando Comunista Goes	Para uma educação das relações étnico-raciais	Esta pesquisa surge de inquietações referentes a aplicação da Lei 10.639/2003 que modificou o artigo 26 da LDB e incluiu obrigatoriamente a temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da Educação Básica. Tem como objeto investigar a materialização pedagógica
-----------------------------	---	---

		<p>dessa Lei e de suas normas regulamentares na Rede Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Este trabalho examina as possibilidades e dificuldades encontradas no processo de construção de uma práxis escolar em consonância com as diretrizes da Lei nº 10.639/03. O percurso desta pesquisa passa pelas discussões sobre a história de opressão e resistência em relação à questão preta até a configuração da conquista da Lei nº 10.639/03 como ação afirmativa reivindicada pela Comunidade Preta e consagrada como um direito e um dever da sociedade brasileira, culminando com o processo implementação de suas diretrizes na escola. Este estudo de caso demonstrou que a implementação das diretrizes da Lei 10639/03 para além da adesão ou não da gestão institucional ao cumprimento dessa determinação legal, estabelece relação direta com a trajetória biográfica do processo de conscientização político-pedagógica das educadoras e educadores que se engajam no trabalho educativo sobre as questões étnico-raciais na escola.</p>
Estela Ribeiro	<p>Projeto consciência negra- relações e posicionamentos de estudantes de uma escola de Guarulhos:2009 a 2015</p>	<p>O presente trabalho tem como objetivo compreender como os alunos de uma escola estadual paulista de ensino médio, envolvidos no projeto consciência negra no período escolar do 6 ao 3 ano do ensino médio se apropriaram do referido projeto e pretende-se verificar indícios de como as experiências, valores e ações em relação ao preconceito/racismo.</p>
Luiz Gustavo Santos da Silva	<p>Pensamentos e intelectuais negros(as) da APNB: diálogos e combates contemporâneos</p>	<p>Pensamentos e intelectuais negros(as) da APNB: diálogos e combates contemporâneos</p> <p>Abordagem preliminar sobre a Associação de Pesquisadores(as) Negros(as) da Bahia (APNB), pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ProPED, teço algumas reflexões a partir do surgimento desta associação, considerando-a um espaço ativo, local de encontro que produz microrresistências, onde fronteiras do conhecimento hegemônico são problematizadas e/ou deslocadas. Lugar onde intelectuais</p>

		negros(as) articulam táticas (CERTEAU, 2008) e disputas no campo da memória e da produção educacional antirracista, firmando-se enquanto uma territorialidade específica. Estabeleço diálogos sobre suas histórias de vida, trajetórias e produções no campo intelectual negro, ressaltando as contribuições para a formação de professores(as) e educação antirracista, tendo como pano de fundo a Lei 10.639/03. Do ponto de vista do método, adoto a proposta teórica dos estudos de Bakthin, em especial o conceito de dialogia e a história oral enquanto procedimento metodológico.
Luciene Ribeiro da Silva	O PROJETO LEITURAÇO: UMA POLÍTICA AFIRMATIVA INTERSETORIAL A SERVIÇO DA DESCOLONIZAÇÃO DO CURRÍCULO	O Leituraço é uma parceria entre o Núcleo Técnico de Currículo (NTC), a Sala e Espaço de Leitura (SAEL) e o Núcleo de Educação Étnico-Racial (NEER). Este Projeto visa promover as literaturas não-hegemônicas, como, as africanas, afro-brasileiras, indígenas e a chamada literatura marginal, por meio de formações e aquisição de acervo bibliográfico. Podemos ressaltar que o projeto foi pensado como uma ação afirmativa que busca reparar lacunas educacionais que culminaram em uma dívida histórica em relação a visibilidade positiva da população negra: Se partirmos do pressuposto de que a literatura, como constructo ideológico é responsável pela difusão e, muitas vezes, pela legitimação das imagens que veicula, a uma significativa parcela da produção literária brasileira podemos atribuir parte da responsabilidade por uma série de estereótipos acerca da população afro-brasileira e indígena (SILVA, 2014) Nesse sentido, são delineados os objetivos do Leituraço: aproximar narrativas e personagens das literaturas não hegemônicas que fortaleçam a desconstrução de estereótipos e contribuam para a construção de imagens positivas sobre as populações africanas, afro-brasileira, além de valorizar e promover a autoria dessas populações, priorizando seu próprio discurso no lugar do discurso sobre elas.
Ludmilla Martins Gomes da Silva	LEI 10.639/03 E LIVRO DIDÁTICO:	O livro didático é um material que serve como um instrumento poderoso para a

	<p>ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO AFRICANA NO LIVRO “HISTÓRIA: SOCIEDADE & CIDADANIA”- EDIÇÃO DE 2013/2015</p>	<p>construção identitárias nacionais moderna e contemporânea. (CHOPPIN; 2002, p.10). Desse modo, a PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) sendo uma política de Estado tem como base a produção de livros didáticos para os âmbitos escolares nacionais. Consequentemente o historiador conhece, interpreta e explica o mundo de acordo com a leitura que faz, em cada contexto definido, das fontes que funcionam como vestígios da presença humana no tempo, assim sendo, o livro didático um dos principais mecanismos para a difusão do saber e do processo histórico da humanidade. Visto isso, este trabalho objetiva-se a analisar o capítulo 8- Independências: África e Ásia, do livro didático, História: Sociedade e Cidadania, escrita pelo autor Alfredo Boulos Júnior em 2013/2015. Temos o intuito de compreender como as fontes e as narrativas são representadas nesse capítulo; se correspondem o uso da lei 10.639 e por fim analisar qual perspectiva historiográfica foi abordada no capítulo.</p>
<p>Matheusa dos Santos Souza</p>	<p>CULTURA MATERIAL ESCOLAR NA EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE: O CASO DE UMA ESCOLA NA PERIFERIA DE GUARULHOS, SÃO PAULO.</p>	<p>A partir da experiência proporcionada pelo Programa de Iniciação à Docência, no departamento de História da Universidade Federal de São Paulo, pude vivenciar sobre outras perspectivas a escola e sua dinâmica, agora enquanto bolsista-pesquisador. A unidade em que atuei chama-se Escola Antônio Viana Professor. localizada no Parque Jurema, periferia de Guarulhos, região metropolitana de São Paulo. Deste modo, a fim de apreender a cultura escolar e o ensino de História, delimitei a cultura material escolar, na entendimento do uso das materialidades escolares na “educação como prática de liberdade”, conceito proposto por bell hooks. Isto é, a maneira pela qual a Escola Antonio Viana mobiliza sua materialidade na produção de discursos emancipatórios nas dinâmicas de ensino, especialmente contra o racismo, o machismo e a LGBTfobia.</p>
<p>Rafael Silva de Andrade</p>	<p>Musica e Sociedade.</p>	<p>O presente resumo visa relatar o projeto Música e sociedade, realizado em 2016, o qual</p>

		<p>foi desenvolvido na escola E.E. Anhanguera para promover uma sequência de aulas desenvolvidas com o intuito de criar um espaço de ensino e aprendizagem para reconhecer expressões musicais de diferentes grupos étnicos a partir de uma metodologia de análise das músicas advindas de culturas Afro-Atlânticas na finalidade de compreender o contexto histórico e social das populações negras do Brasil e EUA. Para isto, os estilos musicais jazz, blues e samba foram recursos didáticos importantes para propor uma reflexão de como a música e a liberdade estão, intrinsecamente, ligados aos povos diaspóricos negros. Neste recorte metodológico, o educador viu-se na necessidade em recorrer ao conceito de racismo estrutural, tal como aborda Fanon, perante os estereótipos criados pelas relações socioculturais alicerçadas na dicotomia colonizado e colonizador. Como material final destas aulas, os educandos organizaram uma feira com as mesmas expressões artísticas. Ao obter como resultado final, um projeto de extensão em que ocorreu uma exposição sobre a temática Jazz e apresentação de música.</p>
<p>Maíra Pires Andrade</p>	<p>Prêmio Educar para Igualdade Racial: estratégias emergentes para uma educação antirracista</p>	<p>Passados 16 anos da Lei 10.639/03, o quadro da sua implementação segundo diversos estudos ainda surge com desafios e obstáculos a serem superados (PEREIRA, 2017; JANZ; CERRI, 2015). No lado oposto deste panorama, temos desde 2002 a constituição de um arquivo de referência de ações antirracistas exitosas no espaço escolar, as práticas pedagógicas premiadas pelo Prêmio Educar para a Igualdade Racial, este organizado pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) e que teve sua primeira edição em 2002, antes da implementação da Lei e a sua última edição até o momento, em 2015. Este artigo se refere a um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento na PUC-SP, que tem como objetivo, mapear, analisar e potencializar as práticas exitosas de implementação da Lei 10.639/03 vencedoras e</p>

		finalistas do Prêmio Educar para a Igualdade Racial (2002-2015), de modo a evidenciar que apesar de continuidades e de ausências no espaço escolar, existem práticas pedagógicas que configuram importantes emergências(GOMES, 2018) que descentram as narrativas eurocêntricas (HALL, 2014) e racistas na sala de aula e que devem ser visibilizadas e reconhecidas como relevantes práticas pedagógicas decoloniais (WALSH, 2013).
Rosângela Ferreira de Souza Queiroz	A experiência formativa com professores da rede municipal de São Paulo: lei 10639/03	O presente trabalho pretende problematizar práticas formativas com professores de uma rede de ensino a partir de discussões sobre a lei 10639/03 e suas relações com as práticas docentes cotidianas
Ronaldo dos Reis	CAPOEIRA, FUNK, JOGOS AFRICANOS, JONGO, SAMBA ROCK...: POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ANTIRRACISTA E PARA AS DIFERENÇAS, O CURRÍCULO CULTURAL.	O currículo cultural de Educação Física busca compreender e reconhecer as reivindicações dos grupos minoritários pelo direito a terem suas culturas corporais reconhecidas, o que não significa substituir as práticas corporais dos grupos dominantes pelas marginalizadas, mas sim garantir um tratamento equitativo às brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas de modo que todos os grupos culturais estejam representados nas aulas. Isto posto, a presente pesquisa analisa relatos de experiência de professoras e professoras com práticas corporais de matrizes culturais afro-brasileiras, que ao colocarem em ação suas práticas pedagógicas inspirados pelos princípios ético-políticos e procedimentos didáticos do currículo cultural, proporcionam aos estudantes diferentes significações sobre elas, assim produzindo uma Educação Física favorável às diferenças.
Priscila Dias Carlos	De colonizando saberes em círculos narrativos: um experiência em escola de periferia	O trabalho problematiza as tensões entre oralidade e letramento no chão da escola.

GT 8: Saúde da população negra (Coordenação: Luiz Eduardo Batista e Maria Palmira)

Sala: 500-A

<p>Nathália de Souza Monezi</p>	<p>Do império ao mocó: o acesso aos serviços de saúde das mulheres negras em situação de ruas</p>	<p>A história da população negra perpassa por uma inversão de valores ocorrida após o tráfico negreiro. No Brasil a população negra escravizada, posteriormente livre, sofreu com a construção de uma sociedade branca racista que insistia em marginalizar os negros. Essa população atualmente ainda sofre com os ecos dessa história e, que refletem na educação, saúde, moradia, trabalho e maternidade. As vulnerabilidades vivenciadas pela população de rua, que se intensificam ao se tratar de mulheres negras, tornam necessárias as Políticas Nacionais de Saúde Integral da População Negra e a Política Nacional para a População em Situação de Rua. Este estudo se justifica pela herança social desse grupo, fazendo-se necessário a identificação de como se dá o acesso aos serviços de saúde pelas mulheres negras em situação de rua. Este trabalho tem como objetivo analisar os caminhos percorridos pelas mulheres negras em situação de rua ao acesso dos serviços de saúde. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, através dos instrumentos de coleta de dados de entrevistas, diário de campo, itinerário terapêutico e prontuários. Espera-se identificar os motivos impeditivos do acesso aos serviços de saúde por essas mulheres.</p>
<p>Yenka Alves Rocha do Nascimento</p>	<p>Saúde da mulher negra em pauta: sobre a importância da perspectiva interseccional no trabalho da(o) Assistente Social</p>	<p>Enquanto tecnologia de poder da modernidade, impregnada ao tecido social e cultural do Brasil, o racismo configura-se como forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento. Nesta perspectiva, a mulher negra encontra-se marcada por uma situação de vulnerabilidade, já que experiencia a opressão sob duas dimensões tendo em vista a realidade social sobre a qual ela é confrontada cotidianamente em uma sociedade racista, sexista e portanto, machista. A partir de tal premissa, a presente pesquisa visa discorrer sobre a importância da ferramenta teórico-metodológica da interseccionalidade na atuação das (os) profissionais do Serviço Social. Para tanto, buscarei relacionar as narrativas de mulheres que atuam como profissionais e/ou se beneficiam dos serviços promovidos pelo Instituto AMMA Psique e Negritude (zona oeste de São Paulo-SP), e pelo Núcleo de Proteção Jurídica, Social e Psicológica do Centro de Referência Especializado de Assistência Social do Ipiranga (NPJ</p>

		<p>– CREAS /zona sul de São Paulo). Entendo que esta investigação venha a contribuir para as discussões que visam superar traumas intergeracionais acometidos à tal grupo social na tentativa de possibilitar enfrentamentos e afirmação de identidades negras femininas em diferentes instâncias.</p>
Thaís Helena de Castro	Planejamento familiar ou Controle de natalidade?	<p>O trabalho, que é um trabalho de conclusão de curso, versa sobre a execução da política nacional de direitos sexuais e reprodutivos, especificamente sobre a política nacional de planejamento familiar realizado na cidade de Carapicuíba durante estágio curricula do curso de serviço social, UNINOVE sob orientação da professora mestra Juliana Francine. A proposta é apresentar ao leitor as características da população que procura este serviço na unidade básica de saúde e fazer uma reflexão sobre as diversas investidas eugenistas em momentos históricos de rearranjo do capitalismo e como isso reverbera no momento atual.</p>
Jenifer Guarnieri Cardoso	Saúde mental da população negra com transtornos mentais e comportamentais no Brasil - Um estudo sobre suas condições de vida	<p>O presente artigo busca discutir os indicadores de saúde mental de pessoas vivendo com transtornos mentais no Brasil, as condições de tratamento, o acesso na rede pública de saúde e apresentar os resultados de uma pesquisa documental primária realizada em um Serviço Residencial Terapêutico na cidade de São Paulo. No Brasil, só em 2016 foram registrados pelo Sistema de Informação do Governo – DATASUS 215.793 internações e 12.674 óbitos por Transtornos Mentais e Comportamentais. Destacamos na nossa pesquisa que embora a população branca tenha um percentual de entrada nas internações de 28,2% a mais quando comparadas a população negra, não é esta que tem os maiores índices de permanência. A população negra permanece em média 5,6% a mais nos leitos de internação. No período estudado, as taxas de mortalidade entre a população negra e a população branca representam um percentual de 12% a mais. Não obstante, as mortes da população negra acontecem 6,4% a mais em ambientes não vinculados aos serviços de saúde. Na pesquisa de campo, identificamos que 62% dos moradores do SRT são brancos, mais um dado que reflete o cenário de exclusão vivenciado</p>

		historicamente pela população negra, afetando a garantia de acesso aos serviços públicos e políticas de saúde.
José Evaristo Silvério Netto	A ilusão da saúde: colonialidade, lógica de consumo e cultura fitness	Discutir saúde é tratar sobre o bem-estar físico, mental e social dos indivíduos, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), no contexto das atividades de vida diárias. Porém, de acordo com o vigente paradigma do consumo, as indústrias do mercado fitness, através dos sistemas de apropriação privada do conhecimento, capturaram a ideia de saúde e a transformaram em produto e marketing de consumo. A ideia de ser saudável passou a significar consumir os produtos e serviços de um mercado voltado ao público branco, de classe média e alta, muito permeável à cultura de massas mainstream, e condicionado a modelar o corpo segundo o modelo de corpo ideal. Saúde passou então a ser um produto inacessível à maioria da população negra, dado as características da sua clientela alvo. O corpo, produtor de corporeidades e subjetividades, foi, e é apropriado pelas indústrias fitness, incorporando hábitos de consumo e comportamentos voltados a construção de identidades precárias que sugerem que ser saudável, é performar, sempre melhor, buscando excelência atlética. Uma vez que consumir passou a significar “existir no mundo”, é necessário pensar um consumo, ou experiências de saúde, que atendam às expectativas de percepção do bem-estar físico, mental e social da população negra.

GT 9 : Injustiça, encarceramento e genocídio(Coordenação: Isadora Brandão e Silvio Almeida)
Sala: 504

Daniela da Cruz de Souza	Criminalidade Institucional: Um Estudo Sobre o Genocídio da Juventude Negra na Cidade de São Paulo (2005 – 2010)	A cada 10 pessoas mortas pela Polícia Militar, 7 são negras, o que caracteriza o quadro de genocídio de uma etnia em específico. A partir da década de 1980, mesmo ainda sob o regime ditatorial, os diversos seguimentos relacionados ao Movimento Negro, obtiveram inúmeras conquistas, porém os avanços não foram suficientes para romper com o que Silvio de Almeida (2019) chama de Racismo Estrutural, ou seja, o racismo imposto à população negra que ultrapassa os insultos e cerceamento de acesso ao desenvolvimento por meio da educação e chega ao atual cenário, o de genocídio de um grupo da sociedade marcado pela falta de Políticas Públicas eficazes que previna e reduza esse quadro.
--------------------------	--	--

		<p>Neste sentido, a pesquisa busca relacionar a realidade do país no que diz respeito à morte da população negra com o que Michel Foucault (2013), chama de biopoder e no que foi aprofundado por Achille Mbembe (2018), que denominou esse fenômeno como necropolítica. Foucault expõe em seu livro Vigiar e Punir, que o Biopoder, consiste em garantir que um grupo tenha poder sobre a vida.</p>
<p>Diogo Guedes Pinheiro de Figueiredo Ferraz</p>	<p>“A GENTE SE ACOSTUMA COM TUDO QUANDO NÃO RESTA MAIS NADA”: UMA PROPOSTA PERFORMÁTICA SOBRE ENCARCERAMENTO EM MASSA</p>	<p>A performance “[...] a gente se acostuma com tudo quando não resta mais nada.” foi apresentada no dia 23 de maio de 2019 no teatro “Pessoal do Faroeste”, como trabalho final da disciplina “O Lugar das Performances: Produção Partilhada do Conhecimento”, ministrada no Programa de Pós-Graduação Diversitas (FFLCH-USP). Apesar de a performance estar precipuamente centrada na temática do encarceramento em massa, outras questões atravessam-na, sobretudo uma postura crítica em relação ao modelo de produção de conhecimento hegemônico nos ambientes universitários. Buscou-se aprofundar tal questão no processo de concepção/criação da performance apresentada. A concepção da performance foi realizada no entendimento que o encarceramento em massa é uma forma de controle social, portanto uma manifestação de controle ideológico do Estado utilizando o sistema prisional como um aparelho ideológico, é nesse momento que a classe social dominante se utiliza de poder para oprimir. Dessa forma, a performance é uma possibilidade artística de construção da realidade imposta. Ela não é feita anarquicamente, sua narrativa é construída em cima de momentos críticos e de conflito da sociedade ali representada, é um atravessar coletivo e hegemônico por momentos de combate a liminaridade.</p>
<p>Elias Ferreira da Rocha</p>	<p>O DIREITO ACHADO NA RUA COMO CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIA PARA EQUIDADE RACIAL</p>	<p>O presente trabalho procurou se pautar no direito achado na rua como atitude de transformação e formadores de novos sujeitos de direitos em virtude de práticas de novas cidadanias, emancipação popular e participação democrática contra o dogmatismo do direito. Tratou de analisar parcialmente o pensamento e as reflexões dos estudantes expoentes Roberto Lyra Filho, Boaventura de Sousa Santos e José Geraldo Júnior, sobre o papel do direito. A pesquisa seguiu a metodologia qualitativa sob análises da legislação nacional especificamente na jurisprudência do STF, as práxis do movimento negro especificamente da militância da Educafro como amigo da corte. Por último, análises das teorias dos autores indicados. O objetivo principal da pesquisa foi a judicialização das cotas raciais para ingresso do negro no ensino superior nas instituições federais pela Suprema Corte do Estado Brasileiro, STF com a participação constante da militância do movimento negro nas ruas para democratizar o acesso à educação superior e ao direito fundamental de inclusão do negro em todos os segmentos da sociedade. Bem como a efetivação da igualdade de oportunidade da população negra brasileira, apontando a síndrome da ineficiência das normas emanadas somente pelo estado brasileiro.</p>

Janailson Macêdo Luiz	ENTRE ENCONTROS E CONFRONTOS: OLHARES PARA PARTICIPAÇÃO NEGRA NA GUERRILHA DO ARAGUAIA	O artigo apresenta considerações acerca de pesquisa de doutorado, em desenvolvimento, que tem como objeto a atuação de negras e negros durante o contexto da Guerrilha do Araguaia, que marcou a história local e nacional, constituindo-se como um dos acontecimentos mais emblemáticos do contexto da Ditadura Militar brasileira, buscando compreender a trajetórias dos cerca de dez guerrilheiros negros que atuaram no conflito; bem como a participação de mulheres e homens negros que compunham a população local da confluência dos estados do Pará, Tocantins e Maranhão entre 1972 e 1974, e que acabariam se envolvendo no episódio, em muitos casos sendo alvo de torturas, encarceramentos clandestinos e outras violências perpetradas por agentes de Estado. São trabalhadas fontes como relatos orais de memória, documentos do PCdoB, relatório da CNV, reportagens, documentários, bem como a bibliografia sobre a Guerrilha. A pesquisa visa contribuir para o preenchimento de lacuna presente nos estudos sobre a Ditadura, onde atuação de negras e negros foi efetiva, mas sub-representada nas produções que buscaram narrar os acontecimentos vivenciados nos “anos de chumbo”.
Alex de Jesus dos Santos	A pena de galés no Código Criminal de 1830: A pena de trabalho forçado público e o debate parlamentar	Nosso estudo em questão versa sobre o Código Criminal de 1830. Neste Código nosso objeto de estudo refere-se a pena de galés. Esta pena no código definia que o condenado deveria ficar preso na cadeia pública ou na casa de correção e sair diariamente para prestar serviços públicos. Uma problemática norteia o estudo: Quais os motivos da pena de galés, considerada ultrajante, fruto de uma longa duração histórica, fez parte de um código que se propôs moderno e ilustrado? Objetivamos, analisar os debates parlamentares na Assembleia Geral da segunda legislatura (1829-1833), que versou sobre a permanência ou exclusão da pena de morte e galés quando da elaboração do Código Criminal em 1830; além de objetivar discutir quais crimes prescrito no código levava à galés e por fim entender no tocante a pena a questão dos escravizados neste código imperial. Nos pautamos de pesquisa bibliográfica e documental partindo das Atas da Assembleia Geral e do Código Criminal de 1830, se alicerçando do arcabouço teórico metodológico Foucaultiano. Apesar de um debate acalorado, tanto a pena de morte quanto a pena de galés estiveram contidas no primeiro código criminal brasileiro promulgado em 16 de dezembro de 1830.

GT 10: África /Brasil(Coordenação: Acácio Almeida e Liliane Braga)

Sala: 502

Fabiana Schleumer	Experiências Missionárias e Práticas Inquisitoriais no Interior de Angola	Esta comunicação tem por objetivo analisar o papel da Inquisição em Angola na segunda metade do século XVIII, para isso, o texto reconstrói a trajetória de Francisco Rodrigues de Azevedo, morador do presídio de Cambambe, denunciado a Inquisição de Lisboa por
-------------------	---	--

	(séculos XVII e XVIII)	crime de “Artes Mágicas”. O réu foi acusado de ter contratado os serviços de João Fernandes Zanba, “negro feiticeiro”, morador da província da Quissama, para matar o ex-capitão mor Julião da Nóbrega. Ao final do processo, Francisco Rodrigues de Azevedo foi condenado, conduzido a cadeia e teve seus bens “sequestrados”. Por meio da análise de fontes inquisitoriais e de documentos de caráter administrativo e eclesiásticos, à luz da Microhistória, este artigo analisa, entre outros fatores, o processo de criouliização ocorrido em Cambambe, a nível individual e institucional, sublinhando as características da atuação do Tribunal do Santo Ofício de Lisboa no Hinterland de Angola na segunda metade do século XVIII.
Fabiana Vieira da Silva	A luta antiapartheid no Brasil: perspectivas de racismo e antirracismo nas décadas de 1970 e 1980.	O objetivo dessa apresentação é refletir sobre os diferentes grupos que, no Brasil, incluíram em suas pautas de reivindicações, nas décadas de 1970 e 1980, a luta antiapartheid e quais os significados que atribuíram a tais articulações e que extrapolaram as esferas de atuação da militância negra. Dentre tais grupos o foco recairá sobre a atuação do paulistano Grupo Solidário São Domingos vinculado à Teologia da Libertação, tendo em vista os diálogos que exerceram com setores sociais diversos, as conexões estabelecidas com a militância sul - africana, a pressão sobre os meios de comunicações sociais e que permitem contrapor, contudo, com perspectivas distintas assumidas por intelectuais negros, entre os quais, Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Benedita da Silva, que, também, encamparam tal temática mas a partir de outras perspectivas, de modo, assim, a sobressaírem-se diferentes perspectivas de racismo e antirracismo ao Brasil e ao nível global.
Emerson Santos de Almeida	Akpedje: retorno e nascimento de uma "d'Almeida" no Benin	A pesquisadora e curadora Ana Beatriz Almeida decide realizar a sua viagem de campo por quatro países africanos: Gana, Togo, Benin e Nigéria. O trajeto que lhe levaria ao encontro de artistas que utilizam a “morte” como dispositivo de criação, é o mesmo que lhe faz renascer enquanto “retornada” na sua família ancestral: os “d’Almeida”, no Benin. Neste texto, analiso como o caminho por ela empreendido, bem como o seu batismo em Cotonu, em fevereiro de 2019, pode nos apresentar possibilidades de reelaboração do relato (auto)biográfico, a partir do trânsito atlântico contemporâneo.
Rosyane Maria da Silva	Iqhiya: Um olhar sobre o significado e a simbologia do uso de Turbantes por mulheres negras. Conexão: Brasil, África do Sul e Moçambique	Este trabalho apresenta a relação que mulheres negras brasileiras e africanas estabelecem com o uso de Turbantes (Coroa, Doek, Gélè, Head Cloth, Headtie, Headwrap, Iqhiya, Klaft, Nemes, Ojá, Pano de Cabeça, Scarfhead, Torço, Turban) em suas vidas na África do Sul(Cape Town) Moçambique(Maputo) no Brasil (S.P). Para tanto, busca os significados e as simbologias nos usos desse tecido, que se transforma em uma indumentária imponente e diversificada, carregada de histórias, ancestralidades e

		<p>culturas. Visa também perceber as diferenças presentes no uso de Turbantes nestes países e novas formas de usá-los e ressignificá-los. O trabalho contribui para reflexões acerca das atribuições dadas ao uso de Turbantes e discute como estes representam Identidades interseccionadas entre tradição, cultura, estética, beleza, autoestima, autoafirmação, empoderamento da mulher negra, resistência ao sistema racista e segregacionista, conexão ancestral e fortalecimento da Negritude. Busca-se entender a necessidade da escuta e de compartilhar as histórias orais, transformando-as em escritos de referências e multiplicadora na narrativa histórica da cultura negra. O uso dessa indumentária vai para além da estética e identifica mulheres negras, conectando-as ancestralmente independente de onde estejam.</p>
<p>Cleuza Akiko Hirata Ventura</p>	<p>Rainha Ginga: o poder feminino em Angola no século XVII</p>	<p>A partir de uma pesquisa sobre a “representação” social e política da Rainha Ginga e a sua luta contra a dominação portuguesa na região do Ndongo e Matamba pretende-se, discutir a especificidade da Escravidão em Angola nos territórios sob sua administração. Objetiva-se, entre outras questões, investigar de que maneira, a sua política externa se refletiu na organização dos espaços africanos, isto é, na estruturação social e econômica das localidades sobre sua gestão. Para tanto, efetua-se um breve relato sobre sua trajetória de vida, sua origem e formas de atuação nos contextos europeus e africanos, utilizando como fonte documentos de caráter administrativo e eclesiástico como a Monumenta Missionária Africana do Padre Antonio Brásio.</p>
<p>Júlio Cambanco</p>	<p>Relações entre Brasil e o continente africano</p>	<p>A convite de Pró-reitor de Políticas Afirmativas e Assuntos Comunitários da Universidade Federal do ABC, Dr. Acácio Almeida, fui convidado para participar nessa mesa de grupo de trabalho (GTs) sobre a cooperação Brasil e África. Portanto, nos últimos 4 anos percebe-se que as relações comerciais e diplomáticas entre o Brasil e continente africano declinaram. Por exemplo, quando o governo provisório do Michel Temer entrou no poder, a aproximação que o Brasil tinha no governo do ex-presidente Lula ou Dilma, já não era a prioridade do ex-chanceler José Serra e muito menos do então chanceler Ernesto Araújo. A presença brasileira no continente tem a ver com a presença no mundo, dizia o ex-chanceler Celso Amorim. Desse modo, o olhar do Brasil para a África deve ser com bastante cuidado, pois os interesses brasileiros e africanos precisam ser explorados numa cooperação solidária e técnica, buscando cada vez mais uma agenda da aproximação de cooperação e parcerias. Em suma, a minha fala vai resumir no campo de relações internacionais, sejam elas na mudança política, relações comerciais entre os dois polos, cooperação no âmbito da educação (PEC-PG e UNILAB), intercâmbio intelectual e tecnológico, dinâmicas das economias</p>

		africanas, dentre outros.
Carolina Frrreira Galdino	A Política Externa Brasileira e a África Subsaariana na segunda década do séc. XXI	A presente pesquisa visa compreender a Política Externa Brasileira no decorrer da segunda década do século XXI. Analisar-se-á, mais especificamente, as relações Brasil-África ressaltando os diálogos, os processos de cooperação, aproximações e distanciamentos relativamente à região subsaariana do continente supracitado. Objetivando verificar a atenção e interesse dispensados à África subsaariana entre 2010 e 2018, através da grande imprensa será possível mapear e compreender a política externa brasileira para a região. A priori, será apresentada a cronologia da política externa brasileira relativamente à África subsaariana, em seguida, a forma como a África subsaariana é retratada no Brasil pela grande imprensa, bem como, suas respectivas externalidades. A terceira parte da presente pesquisa objetiva trazer a baila o debate sobre os processos de cooperação, aproximações e distanciamentos existentes entre o Brasil e parte do continente africano.
Lucilene Reginaldo	Aportes africanos aos estudos sobre a escravidão no Brasil: história e historiografia	As diferenças entre os africanos eram evidentes aos olhos de muitos que viveram e registraram suas observações sobre as sociedades escravistas. Essas diferenças, entretanto, não foram tomadas como relevantes na historiografia da escravidão até muito recentemente. Nas últimas décadas, no entanto, há certo reconhecimento entre os estudiosos das várias inovações aportadas pela atenção aos africanos e às Áfricas aos estudos sobre os escravizados no Brasil. Esta comunicação discute o movimento da historiografia da escravidão brasileira em direção à África. Para tanto, remete este deslocamento a uma história mais longa, notadamente aos primórdios dos estudos afro-brasileiros, argumentando que o interesse dos historiadores teve como ponto de partida a problemática das heranças e identidades africanas e que a atenção à história da África propriamente dita é posterior, sendo bem mais recente. Com o intuito de elucidar este argumento e, ao mesmo tempo, apresentar o impacto desse empreendimento nas agendas de pesquisa, focalizo algumas temáticas privilegiadas nas investigações. Argumento ainda que a afirmação desta agenda não é tão somente tributária dos debates historiográficos, ao contrário, tem estreitos vínculos com a história recente dos movimentos negros nos espaços acadêmicos.
Liliane Pereira Braga	Fazeres e falares outros em O Tempo dos Orixás (2014): epistemes forjadas em modos de ser ético-cosmológicos	Os fazeres e os falares presentes no filme O Tempo dos Orixás (2014) são aqui abordados enquanto epistemes forjadas em modos de ser ético-cosmológicos (SANTOS, 2017), na contramão de representações racializadas de povos negros, indígenas e nordestinos no Brasil. A partir de análise de sons e imagens do filme em questão, chega-se a elaborações culturais moldadas em resistências cosmológicas afrodiáspóricas, que confrontam episteme monocultural pretensamente universal - porque sob cosmologia única - proveniente de visão de mundo de um certo euro-ocidente. As disjunções entre conhecimento, cultura e cosmologias e a

		<p>concepção de tempo/espaço desconexos, de modo linear e evolutivo, em disciplinas como antropologia, sociologia, história, geografia, muitas vezes, colaboram para a desumanização de culturas como a dos povos dos trópicos. Interessa, nessa comunicação, mergulhar no mar de vozes polifônicas desse “Entre Atlânticos Negros” de narrativas audiovisuais e discutir presença de universo cultural bantu em interculturalidade no Brasil.</p>
Rosa Aparecida do Couto Silva	Racismo e o mercado de discos no Brasil: um olhar a partir do experimentalismo na obra de Itamar Assumpção	<p>Esse trabalho visa apresentar os resultados parciais da tese de doutorado intitulada Itamar Assumpção e a Encruzilhada Urbana: música e experimentalismo na Vanguarda Paulista, que se encontra em estágio final de desenvolvimento. Pretendo discutir acerca da relação entre racismo e indústria cultural, supondo que o racismo é parte estruturante das sociedades ocidentais modernas, sendo um dos mecanismo que fez possível a consolidação e expansão do capitalismo que, no século XX, tem a cultura como seu principal produto. Pinçando aspectos desse processo, tento demonstrar que a indústria fonográfica utilizou-se de rotas (e lógicas) de comércio anteriormente estabelecidas durante a colonização para sua expansão. Pensando o Brasil, argumento que o racismo, base ideológica da colonização, perpetrou-se com o surgimento de nossa indústria nacional de cultura e, por conseguinte, através do comércio de discos e outros mecanismos de consumo musical, como o rádio e a televisão. Nesse ínterim, o samba -embranchado- tornou-se ironicamente símbolo de um Brasil moderno e civilizado. Por fim, pretendo discutir os espaços de esperança, liberdade e criatividade criados por músicxs negrxs nessa indústria, apresentando a obra de Itamar Assumpção na cena musical "independente" dos anos 80.</p>

GT 11: Observatório do Racismo(Coordenação: Teresinha Bernardo, Edna Roland e Regimeire Maciel)
Sala: 504

ALMUNITA DOS SANTOS FERREIRA PEREIRA	DIVERSIDADE ENTRE MUROS. ETNIA, GÊNERO E SEXUALIDADE COM JUVENTUDES NEGRAS EGRESSAS DO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO.	Este projeto insere-se no contexto das Políticas Públicas da Socioeducação, ao lançar um olhar sobre as políticas de atendimento socioeducativo que propiciem a reflexão sobre etnia, gênero e sexualidades da juventude em situação de privação de liberdade. Assim, tem como principal objetivo compreender como a política de atendimento estabelecida e desenvolvida para a diversidade, etnia e orientação sexual tem se desenhado dentro da Fundação CASA SP para dar
--------------------------------------	--	---

		<p>continência ao sistema de garantia de direitos, e como tem contribuído para intervenção da conduta delituosa do adolescente. A análise será realizada à luz das diretrizes do Sistema de Garantia de Direitos, Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), LDB, e sob o olhar e posicionamento teórico de autores/as que embasam a discussão sobre etnia/racismo e autores/as pós-estruturalistas dos Estudos de Gênero. O percurso metodológico será pautado em estudo de campo de caráter exploratório-descritivo, norteado por uma abordagem qualitativa, a qual será realizada com cinco/adolescentes negros, egressos que vivenciaram a privação da liberdade, sendo três do sexo masculino e duas do sexo feminino com orientação sexual dissidente e para coleta de dados utilizaremos relatos de experiências através de narrativas gravadas.</p>
<p>Camila Marques Leoni Kitamura</p>	<p>POLÍTICAS PÚBLICAS, MULHERES, FEMINICÍDIO E RAÇA</p>	<p>RESUMO</p> <p>Em princípio, visa inserir no contexto das políticas públicas relacionadas às mulheres, constatando as medidas hoje existentes, analisando se as mesmas, conseguem ou não, atender às demandas originárias em relação às mulheres. Estabelecer um paralelo, entre as medidas existentes, a efetiva assistência, e utilização dos programas e sistemas de apoio as vítimas de violência. Essa pesquisa, tem como principal objetivo, estabelecer se as políticas oferecidas, atendem as demandas, relacionadas as mulheres, os casos de feminicídio e raça. A análise, será realizada, com base na Lei Maria da Penha, Lei n. 13.104 de 2015 (lei que introduz o feminicídio no ordenamento jurídico brasileiro), e sob o olhar de bases teóricas de autores (as), que baseiam seus trabalhos, nas questões relacionadas no presente trabalho. A investigação, será realizada com mulheres que sofreram violência, observando as questões relacionadas à raça, idade e classe social. Mostrará as medidas que podem ser tomadas, ou mesmo adotadas para o auxílio das mulheres.</p>
<p>Camila Josefa Nunes Rossato</p>	<p>Apropriação cultural, o racismo e a escola: diálogos entre o Trabalho Colaborativo Autoral e a mediação do professor de artes na educação básica</p>	<p>O estudo pretende mapear as contribuições do ensino de artes para projeto de pesquisa de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II da rede municipal de ensino de São Paulo com temática étnico-racial. Para tal, o enfoque trará o Trabalho Colaborativo Autoral (TCA), desenvolvido pelos jovens estudantes durante o chamado ciclo autoral, que abarca do 7º ao 9º ano. No último ano do ciclo citado, os</p>

		<p>estudos são apresentados para a comunidade escolar a fim de privilegiar o protagonismo juvenil, bem como, trazer proposições que possam ser ampliadas pelas diferentes áreas do conhecimento. Desde 2018 as aulas de arte tornaram-se momentos de apreciação, contextualização e fazer artístico amparadas nas proposições das pesquisas de TCA. A potência da criação tem demonstrado um campo de resignificação do ensino de artes e espaço para novas formas de entender o percurso do pesquisador. Em 2019, demandas discutidas no espaço virtual, apareceram como tema de estudo. Nesse sentido, a mediação da pesquisa intitulada “Apropriação cultural, o racismo e a escola”, demonstra a oportunidade de professor e alunos construírem saberes que desvelam questões estruturais da sociedade pouco investigadas na escola, aproximando-se da arte, com destaque para a linguagem da performance.</p>
--	--	--